

A NOÇÃO DE MORALIDADE EM MAX WEBER: ENTRE A ÉTICA DA CONVICÇÃO E A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE, RACIONALIDADE, RELIGIÃO E O DESENCANTAMENTO DO MUNDO

THE NOTION OF MORALITY IN MAX WEBER: BETWEEN THE ETHICS OF CONVICTION AND THE ETHICS OF RESPONSIBILITY, RATIONALITY, RELIGION, AND THE DISENCHANTMENT OF THE WORLD

LA NOCIÓN DE MORALIDAD EN MAX WEBER: ENTRE LA ÉTICA DE LA CONVICCIÓN Y LA ÉTICA DE LA RESPONSABILIDAD, LA RACIONALIDAD, LA RELIGIÓN Y EL DESENCANTAMIENTO DEL MUNDO

Lucas Guilherme Tetzlaff de Gerone¹, Alonso Bezerra de Carvalho², Ricardo Francelino³, Rafael Santos de Aquino⁴, Fabiola Colombani⁵

DOI: 10.54899/dcs.v22i85.4040

Recibido: 17/11/2025 | Aceptado: 10/12/2025 | Publicación en línea: 15/12/2025.

RESUMO

O artigo analisa a moralidade na sociologia de Max Weber, destacando sua relevância para a compreensão dos dilemas éticos da modernidade. Embora Weber não tenha formulado uma teoria moral sistemática, sua obra oferece um arcabouço robusto para articular ética, racionalização, religião e ação social. Partindo das noções de ética da convicção e ética da responsabilidade, discute-se como o politeísmo de valores e a burocratização tensionam princípios universalistas, compromissos subjetivos e consequências práticas da ação, especialmente em contextos políticos complexos. Em seguida, examina-se a tipologia weberiana da ação social como chave de leitura da dimensão moral da vida social, enfatizando o papel dos valores na orientação da conduta. Analisa-se ainda a influência dos valores religiosos, em particular do protestantismo ascético, na configuração do ethos capitalista, evidenciando o vínculo entre vocação, trabalho disciplinado e racionalização da vida. Por fim, aborda-se o desencantamento do mundo como processo que simultaneamente desmagifica, moraliza e esvazia de sentido as esferas da existência, resultando na metáfora da “jaula de ferro”. Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-bibliográfico, de caráter analítico-interpretativo, apoiado em obras clássicas de Weber e em comentadores contemporâneos. Conclui-se que a sociologia compreensiva weberiana oferece importantes

¹ Doutor em Educação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, São Paulo, Brasil.

E-mail: lucasgerone@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1433-1743>

² Doutor em Educação, Livre-docente, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, São Paulo, Brasil.

E-mail: alonso.carvalho@unesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5106-2517>

³ Doutor em Educação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Doutor em Science de l'Éducation et de la Formation, Université Lumière Lyon 2, Lyon, França. E-mail: ricardo.francelino@unesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5100-3856>

⁴ Doutor em Ensino das Ciências, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Doutor em Science de l'Éducation et de la Formation, Université Lumière Lyon 2, Lyon, França. E-mail: rafael.aquino@ifsertao-pe.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8976-2540>

⁵ Doutora em Educação, Universidade de Marília, Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: fabiolacolombani@unimar.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3659-3189>

contribuições para pensar a moralidade em sociedades plurais, racionalizadas e carentes de referenciais ético-religiosos unificadores.

Palavras-chave: Ação Social. Politeísmo de Valores. Burocratização. Jaula de Ferro. Modernidade.

ABSTRACT

This article examines morality within Max Weber's sociology, highlighting its relevance for understanding the ethical dilemmas of modernity. Although Weber did not construct a systematic moral theory, his work provides a robust framework for articulating ethics, rationalization, religion, and social action. Based on the distinction between the ethics of conviction and the ethics of responsibility, the study explores how the "polytheism of values" and the bureaucratization of social life create tensions between universal principles, subjectively assumed values, and the practical consequences of action, especially in politically complex contexts. The analysis then turns to Weber's typology of social action as a key interpretative tool for understanding the moral dimension of social life, emphasizing the role of values in guiding human conduct. The article also examines the influence of religious values—particularly ascetic Protestantism—on shaping the capitalist ethos, showing the connection between vocation, disciplined labor, and the rationalization of life. Finally, it discusses Weber's notion of the "disenchantment of the world" as a process that simultaneously demystifies, moralizes, and empties the spheres of existence of transcendent meaning, culminating in the metaphor of the "iron cage." Methodologically, this is a theoretical and bibliographic study with an analytical-interpretative approach, grounded in Weber's classical works and contemporary commentators. The findings indicate that Weber's interpretive sociology offers substantial insights for understanding morality in plural, rationalized societies lacking unified ethical-religious frameworks.

Keywords: Social Action. Politeism of Values. Bureaucratization. Iron Cage. Modernity.

RESUMEN

El artículo analiza la moralidad en la sociología de Max Weber, destacando su relevancia para la comprensión de los dilemas éticos de la modernidad. Aunque Weber no formuló una teoría moral sistemática, su obra ofrece un marco sólido para articular ética, racionalización, religión y acción social. A partir de las nociones de ética de la convicción y ética de la responsabilidad, se discute cómo el politeísmo de valores y la burocratización tensionan los principios universalistas, los compromisos subjetivos y las consecuencias prácticas de la acción, especialmente en contextos políticos complejos. Posteriormente, se examina la tipología weberiana de la acción social como clave interpretativa de la dimensión moral de la vida social, enfatizando el papel de los valores en la orientación de la conducta. Asimismo, se analiza la influencia de los valores religiosos —en particular del protestantismo ascético— en la configuración del ethos capitalista, evidenciando el vínculo entre vocación, trabajo disciplinado y racionalización de la vida. Finalmente, se aborda el desencantamiento del mundo como un proceso que simultáneamente desmágica, moraliza y vacía de sentido las esferas de la existencia, culminando en la metáfora de la "jaula de hierro". Metodológicamente, se trata de un estudio teórico-bibliográfico, de carácter analítico-interpretativo, apoyado en obras clásicas de Weber y comentaristas contemporáneos. Se concluye que la sociología comprensiva weberiana ofrece importantes aportes para pensar la moralidad en sociedades plurales, racionalizadas y carentes de referentes ético-religiosos unificadores.

Palabras clave: Acción social. Politeísmo de valores. Burocratización. Jaula de hierro. Modernidad.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A moralidade é um tema central nas ciências humanas, por estruturar a ação social e a ordem coletiva. Embora Max Weber não tenha elaborado uma teoria moral sistemática, sua obra oferece uma interpretação ampla das relações entre ética, racionalização, religião e modernidade. Na perspectiva weberiana, a moralidade mostra como os valores orientam condutas, configuram instituições e influenciam processos históricos, sobretudo no contexto do desencantamento do mundo e da crescente racionalização das esferas sociais.

Este artigo tem por objeto a noção de moralidade em Max Weber, com ênfase na articulação entre ética da convicção, ética da responsabilidade, valores religiosos, racionalização da vida social e desencantamento do mundo. A questão central é: de que modo a sociologia weberiana da ação e dos valores contribui para compreender os dilemas morais da modernidade, marcada pelo politeísmo de valores, pela burocratização e pela perda de referenciais ético-religiosos unificadores?

A partir de obras como *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, *Economia e Sociedade*, *A Política como Vocação* e *A Ciência como Vocação*, Weber distingue a ética da convicção e a ética da responsabilidade, o que permite analisar as tensões entre princípios universalistas, valores subjetivamente assumidos e consequências da ação em contextos complexos. Ao articulá-las ao processo de racionalização, evidencia a mudança dos sistemas de sentido, que deixam de se apoiar em explicações mágicas ou religiosas e se ajustam à lógica científica, burocrática e instrumental da modernidade.

O objetivo geral do artigo é reconstruir os principais elementos da moralidade em Weber e examinar suas implicações para a compreensão da ação social na modernidade. Especificamente, busca-se: (a) discutir a relação entre moralidade, racionalização e politeísmo de valores; (b) analisar a contribuição dos valores religiosos, sobretudo do protestantismo ascético, para o *ethos* capitalista; (c) explicitar a tipologia da ação social como chave de leitura da dimensão

moral; e (d) problematizar o desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*) como processo que, ao mesmo tempo, racionaliza, moraliza e esvazia de sentido a existência.

Para além de sistematizar a presença da moralidade na sociologia weberiana, este artigo propõe articular, em um mesmo quadro analítico, as categorias de ética da convicção/ética da responsabilidade, tipologia da ação social, valores religiosos e desencantamento do mundo como uma leitura integrada da sociologia moral de Weber. Embora tais dimensões sejam amplamente discutidas de forma fragmentada na literatura, raramente são tratadas de modo conjunto como uma gramática moral da modernidade racionalizada, capaz de iluminar dilemas éticos contemporâneos em contextos plurais, burocratizados e secularizados.

Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-bibliográfico, de abordagem qualitativa e caráter analítico-interpretativo, baseado em Weber e em comentadores contemporâneos. A análise assume a forma de revisão narrativa, que não pretende esgotar o tema, mas sistematizar criticamente a pertinência da sociologia weberiana para os estudos atuais em moral, religião, política e educação. O texto organiza-se em quatro eixos: (2) moralidade e racionalização, com foco na tensão convicção/responsabilidade; (3) valores, racionalização e ação social, com destaque para a tipologia da ação; (4) valores religiosos e espírito do capitalismo; (5) desencantamento do mundo e paradoxos da modernidade, seguidos das considerações finais.

Por fim, este texto busca oferecer uma contribuição para a compreensão do pensamento do sociólogo alemão Max Weber, situando suas categorias de análise no cenário contemporâneo. Vivemos uma era marcada por desafios profundos no campo da conduta humana, onde se observa a predominância de uma racionalidade instrumental, técnica e burocrática, que frequentemente se sobrepõem a outras esferas da vida. Nesse contexto, a obra de Weber serve como um farol crítico para iluminar as tensões de uma sociedade que, ao supervalorizar a eficiência e o cálculo, corre o risco de negligenciar os valores éticos, os sentimentos de solidariedade e as atitudes que fundamentam a alteridade e uma convivência harmoniosa, tanto entre as pessoas quanto na relação da humanidade com a natureza.

Dessa forma, recorrer a Max Weber não é um exercício de arqueologia intelectual, mas uma ferramenta vital para diagnosticar os mal-estares do nosso tempo. Sua análise nos ajuda a entender que os desafios contemporâneos não são apenas falhas pontuais de sistema, mas estão enraizados em um modelo de racionalidade que, se deixado sem contrapesos, pode levar a um empobrecimento da experiência humana e a um esvaziamento dos laços sociais. O grande debate que se coloca, então, é como podemos resgatar e reequilibrar as diferentes formas de

racionalidade, reafirmando a primazia dos valores, da alteridade e da ética em um mundo cada vez mais administrado por uma lógica fria e calculista.

MORALIDADE E RACIONALIZAÇÃO EM MAX WEBER: ENTRE A CONVICÇÃO E A RESPONSABILIDADE

Max Weber não desenvolveu uma teoria do desenvolvimento moral como Kohlberg (1981), mas sua sociologia aborda temas centrais da moralidade e da ética em fenômenos políticos, religiosos, econômicos e na própria ação social. Neste estudo, a noção de moral em Weber (1982) é tratada em proximidade com a noção de ética: ele usa mais o termo “ética”, entendido como um conjunto de regras de conduta interiorizadas e transformadas em modos de vida por um povo, seita ou religião. Em “A Ciência como Vocação” e “A Política como Vocação”, Weber (2011) apresenta duas formas fundamentais de ética – a ética da convicção e a ética da responsabilidade – essenciais para compreender a relação entre moral, política, valores absolutos e demandas pragmáticas da ação social.

A ética da convicção é guiada por princípios absolutos, em que o sujeito age segundo o que considera moralmente correto, independentemente das consequências. Aproxima-se da ética kantiana, ligada ao imperativo categórico, Kant (2004), no qual a moralidade reside no dever e não nos resultados. No entanto, para Carvalho (2001), Weber rejeita o otimismo moral universalista de Kant, ao sustentar que o mundo moderno é marcado por um politeísmo de valores, em que princípios entram em choque e nenhum valor supremo pode orientar de forma estável a ação. Nesse cenário, a ética da responsabilidade exige que o agente pondere as consequências previsíveis de seus atos e as assuma, expressa na máxima, devemos opor ao mal pela força ou seremos responsáveis pelo triunfo que ele alcance (Weber, 2011). Essa ética se aproxima de um realismo político *a la* Maquiavel, em que meios são avaliados pela eficácia em alcançar fins considerados superiores. Weber sublinha que a violência é um instrumento decisivo da política e ilustra a tensão entre salvação e grandeza ao mencionar os habitantes de Florença, que preferiram a grandeza da cidade à salvação de suas almas. Em diálogo com Nietzsche, Weber reconhece um mundo agonístico, sem valores universalmente válidos, e analisa a burocracia e o carisma como formas fundamentais da modernidade: a primeira garante ordem racional, mas engessa a criatividade; o segundo rompe e reorienta essa ordem como apontou Carvalho (2002).

Assim, enquanto a ética da convicção exige lealdade incondicional a valores considerados universais, a ética da responsabilidade demanda adequação aos casos concretos e aceitação das consequências. Para Weber (2011), o verdadeiro político deve buscar um equilíbrio tenso entre ambas. No horizonte do politeísmo de valores, como sintetiza Carvalho (2001, p. 87), “temos uma luta permanente de pontos de vista e ideais”, o que torna impossível uma moralidade única, mas torna ainda mais necessária a articulação entre convicção e responsabilidade.

Enquanto Kant apostava que a educação e o progresso racional conduziriam a humanidade a um estado moral superior, Weber rejeita essa teleologia. O processo de racionalização produz avanços, mas também desencantamento do mundo e vazio de sentido, de modo que “o mundo moderno estaria, na verdade, organizado por princípios racionais que a tudo domina, inclusive o próprio homem” (Carvalho, 2001, p. 84). Ao introduzir o politeísmo dos valores, Weber afirma que a modernidade é marcada por conflitos permanentes entre sistemas de valores inconciliáveis, tornando impossível uma posição moral única. Assim, o agir ético exige equilibrar convicções e responsabilidade pelas consequências, sobretudo em contextos políticos complexos. Weber elabora uma sociologia moral que busca compreender as motivações subjetivas em sua relação com o coletivo. Diferentemente de Durkheim, que privilegia a dimensão normativa e coletiva, ele enfatiza a ação racional com relação a valores, em que o agir moral se orienta por convicções internas. A ação social, para Weber, é sempre orientada pelo comportamento de outros – presentes, passados ou esperados (Weber, 2004, p. 13-14) – o que coloca o problema do valor no centro de sua análise.

Ao discutir valores, Weber procura articular moralidade e ciência, delimitando os limites desta última. Silva (2021) afirmou que Weber defende a neutralidade axiológica (*Wertfreiheit*), isto é, a ciência não decide o que é moralmente correto, mas descreve como valores surgem, se organizam e orientam ações. Os valores influenciam a escolha dos objetos de pesquisa, mas o cientista deve evitar propor normas morais, concentrando-se na análise empírica. “Emitir um julgamento sobre a validade de tais valores [...] certamente, não é tarefa de uma ciência empírica” (Weber, 2001, p. 111). Dessa forma, Weber separa os campos científico, moral e religioso, reconhecendo que cada esfera – política, religiosa, econômica – possui forma interna e valores próprios. De acordo com Silva (2021), não há um valor supremo que unifique todos os domínios; trata-se de evitar a supervalorização de um em detrimento de outros. Essa postura busca, paradoxalmente, uma forma racional de universalidade: reconhecer a pluralidade de fenômenos e valores e sua importância para a vida social e para o agente.

Weber (1999) argumentou que a centralidade dos valores aparece de modo claro na tipologia da ação social. A ação tradicional baseia-se em costumes e hábitos herdados; a ação afetiva é guiada por emoções imediatas; a ação racional com relação a fins é orientada por cálculos instrumentais de meios e resultados; e a ação racional com relação a valores se pauta em princípios considerados inegociáveis, independentemente das consequências. Esses tipos ideais raramente aparecem de forma pura na realidade, combinando-se em situações concretas – um empresário, por exemplo, pode articular racionalidade instrumental e compromisso ético, assim como um matrimônio pode envolver práticas tradicionais, afetivas e decisões racionais. Essa tipologia funciona como ferramenta heurística para compreender a multiplicidade das motivações humanas, exigindo análises detalhadas para identificar quais orientações prevalecem em cada contexto. Schluchter (2014) ressalta que a teoria de Weber oferece alternativa à redução da ação humana ao interesse útil, mostrando como cooperação e conflito podem gerar estruturas sociais ampliadas (ordens econômicas, culturais, políticas). Pierucci (2009) aproxima essa sociologia racional, centrada na subjetividade e na evolução social, das teorias psicológicas do desenvolvimento. Nessa mesma direção, Vandenberghe (2015, p. 66) define a sociologia moral como “aquela que traz à luz a dimensão moral da vida social e mostra que princípios, normas e valores são constitutivos, e não apenas regulatórios, da própria vida social”.

Assim, a sociologia de Weber amplia o horizonte inaugurado por Marx, ao não reduzir os fenômenos à economia, e se diferencia de Durkheim ao enfatizar a ação do agente. Em um contexto histórico em que a Alemanha oscilava entre modelos de classe (Marx) e de solidariedade social (Durkheim), Weber volta-se à compreensão da ação social, articulando racionalidade, valores e moralidade como chaves para interpretar a modernidade tal qual verificado em Silva (2021).

A INFLUÊNCIA DOS VALORES RELIGIOSOS NA CONSTRUÇÃO SOCIAL E NO ESPÍRITO DO CAPITALISMO

Para Pierucci (2009), Weber reconhecia a centralidade da economia, como também fazia Marx, mas recusava reducionismos e atribuiu igual importância a fenômenos como religião, política e direito. Essa perspectiva permitiu ampliar o campo da sociologia para além da esfera econômica, integrando-a a outras dimensões da vida social e abrindo espaço para uma sociologia da moral. Vandenberghe (2015) mostra que, embora a moral tenha sido pouco tematizada no

século XX, ela ganhou força nas últimas décadas com autores como Boltanski e Honneth, bem como com o surgimento de grupos e associações dedicados ao tema. Esses desenvolvimentos permanecem ancorados nos clássicos e ressaltam o papel decisivo de Weber na consolidação de uma sociologia moral que lê tanto os agentes quanto os fenômenos sociais em chave compreensiva.

A partir de Weber, a sociologia moral recusa-se a analisar os fenômenos sociais de forma isolada. Embora a economia e a religião constituam esferas de valor autônomas, elas mantêm entre si uma relação de influências recíprocas. O exemplo clássico dessa dinâmica, como identificou Weber (2004), é o papel do protestantismo calvinista, cuja ética ascética fortaleceu decisivamente o "espírito" do capitalismo, articulando um sistema coeso de valores religiosos, morais e sociais em torno do trabalho. Nesse contexto, a teologia da criação – exemplificada em passagens como Gênesis 1.27-28 – foi reinterpretada como um mandato produtivo: se Deus criou o mundo e a humanidade para frutificar, multiplicar e dominar a terra, então quem não produz falha em corresponder à vontade divina. Dessa forma, a salvação deixou de ser uma graça meramente concedida para manifestar-se na contínua prova de si mesmo, por meio da vocação profissional e de um trabalho disciplinado. Weber demonstra como, no calvinismo, o labor incessante, metódico e racional tornou-se o principal meio para se obter a certeza subjetiva da eleição, ao passo que o ócio, o luxo e o "perder tempo" foram estigmatizados como pecados graves. Configurou-se, assim, uma ética que se apresentava como dever moral e negação do prazer, gerando um ethos de vida austera, dedicação profissional e acumulação racional de riquezas – o que Weber identificou como uma "afinidade eletiva" com o capitalismo moderno (Weber, 2004; Pierucci, 2003). Por fim, esse processo de racionalização da conduta, que subordinou a vida a uma lógica metódica e expurgou dela os elementos mágicos e contemplativos, representa a realização paradigmática do que Weber conceituou como o "desencantamento do mundo" (*Entzauberung der Welt*), no qual a própria religiosidade, paradoxalmente, tornou-se uma força motriz para a secularização e a dominação racional da existência.

Para Weber, o processo de modernização no Ocidente é caracterizado pelo que ele chamou de "desencantamento do mundo" (*Entzauberung der Welt*) – a substituição de explicações mágicas, religiosas e tradicionais por um conhecimento racional-causal. Paralelamente a esse processo, avança a "racionalização", um princípio organizador que busca atingir fins específicos pelos meios mais eficientes e calculáveis. A forma mais pura e impactante dessa racionalização

é a racionalidade instrumental ou *Zweckrationalität* (racionalidade orientada a fins), que se preocupa fundamentalmente com a eficácia da ação, e não com seu valor ético intrínseco.

É precisamente essa lógica que se tornou hegemônica em nossa época. Na economia, a busca pelo lucro máximo; na política, a gestão burocrática impessoal; e na vida cotidiana, a métrica de produtividade e otimização de todos os aspectos da existência são exemplos dessa racionalidade em ação. O perigo, alertado por Weber, é que essa esfera instrumental, ao expandir-se excessivamente, esvazia as outras formas de racionalidade, em especial a racionalidade baseada em valores (*Wertrationalität*), na qual a ação é guiada por uma crença consciente em um valor – seja ético, estético, religioso ou de outra ordem –, independentemente do sucesso prático.

A supervalorização da razão instrumental, portanto, tende a marginalizar justamente os fundamentos da vida social que a proposta inicial menciona: os valores (como a justiça e a dignidade humana), os sentimentos (como a empatia e a compaixão) e as atitudes que preconizam a alteridade. A alteridade – a capacidade de reconhecer e respeitar o "Outro" em sua diferença e integralidade – exige uma lógica relacional que a racionalidade técnica, por si só, é incapaz de fornecer. Ela é substituída por uma lógica de utilidade, onde o outro pode ser reduzido a um meio para um fim, um recurso a ser gerido ou um obstáculo a ser removido.

Da mesma forma, a crise ecológica é um sintoma claro desse paradigma. A natureza, nesta visão instrumental, deixa de ser um fim em si mesma, um cosmos com o qual coexistimos, e se transforma em um simples meio para a produção e o consumo – um recurso a ser explorado e um depósito para resíduos. A boa convivência com a natureza pressupõe uma relação que transcende a pura utilidade, envolvendo respeito, responsabilidade e uma ética do cuidado, valores que a racionalidade instrumental não consegue computar em suas equações.

O DESENCANTAMENTO DO MUNDO, A TRANSFORMAÇÃO DA RELIGIÃO, RACIONALIDADE E SOCIEDADE MODERNA

Para Weber (2004), o sujeito que opta pela racionalização da vida teria abandonado explicações baseadas em poderes mágicos, definindo esse processo como desencantamento do mundo. O termo alemão *Entzauberung* significa “desmagificação” e remete à retirada do encanto e da magia do real. Em Weber, inspirado também em Schiller e na ideia de *Entgötterung der Natur* (“desdeusamento da natureza”), trata-se da perda de sentido transcendente e mágico do mundo, descrito por Pierucci (2003) como um “mecanismo desdivinizado”.

O desencantamento, segundo Weber (2004), refere-se a um mundo em que ocorre um processo de desmagificação e perda de sentido transcendente, conduzido por duas forças principais. A religião, ao sistematizar as vias de salvação, inicia a desmagificação ao retirar elementos mágicos das práticas religiosas e aproximar-se de uma visão mais racional e naturalista. A ciência, enquanto processo empírico-intelectual, radicaliza esse movimento ao transformar o mundo em um mecanismo causal, desalojando o pensamento mágico tanto da esfera religiosa quanto das explicações cotidianas.

Para Pierucci (2003), o desencantamento não é uma queixa nostálgica, mas uma explicação racional e sistemática do mundo. Ele está intrinsecamente ligado ao processo de racionalização próprio da modernidade. Weber (2004) mostra como a racionalização, fortemente impulsionada pela ética protestante, substitui explicações mágicas por explicações científicas e sistemáticas, moldando estruturas sociais e práticas individuais. Ao mesmo tempo em que promove desenvolvimento e eficiência, esse processo elimina elementos de magia e transcendência, configurando um mundo ordenado e previsível, mas carente de sentido universal.

A ciência desempenha papel central nesse processo, integrando o movimento mais amplo de intelectualização e racionalização. Conforme Pierucci (2003), a racionalização desmonta as pretensões de legitimidade objetiva da percepção religiosa e metafísica, alterando profundamente a forma de perceber a realidade. Weber (1982, p. 401) afirma que o conhecimento racional empírico atuou “através do desencantamento do mundo e sua transformação num mecanismo causal”. O monoteísmo já havia iniciado esse processo ao substituir expressões mágicas por uma perspectiva metafísica unificada em torno de um Deus transcendental, oferecendo uma visão desdivinizada do mundo.

Pierucci (2003) argumentou que o avanço posterior da ciência desloca também essa visão religiosa, apresentando um mundo limitado a nexos causais, objetivos e desconexos. Para Weber (1982, p. 165), desencantar o mundo significa reconhecer que não há forças misteriosas incalculáveis e que, em princípio, tudo pode ser dominado pelo cálculo. Embora isso liberte a humanidade de superstições, também conduz a uma perda de significado, pois a ciência não é capaz de responder às questões últimas sobre o propósito da vida. Como afirma Weber (1982, p. 170), a ciência pode preservar a vida e diminuir o sofrimento, mas não dizer se “vale a pena ou não viver”.

A religião, que antes conferia sentido transcendente à realidade, é deslocada para a esfera íntima, enquanto o avanço científico não preenche o vazio deixado por suas respostas, resultando

em um mundo material desencantado e desprovido de carisma. Ao mesmo tempo em que liberta o ser humano das forças mágicas e transcendentais, o desencantamento o aprisiona em estruturas institucionais como o capitalismo. Na análise de Weber sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo, o trabalho deixa de ser meio de salvação para se tornar fim em si mesmo: o “capitalismo vitorioso” já não precisa do apoio religioso (Weber, 2004, p. 165). A metáfora da *stahlhartes Gehäuse*, traduzida como “jaula de ferro”, expressa o aprisionamento dos sujeitos em um sistema que prioriza eficiência e cálculo, mas ignora o sentido da vida.

O desencantamento do mundo é, portanto, paradoxal. De um lado, representa o avanço da racionalidade, permitindo o domínio técnico da natureza e a compreensão científica da realidade. De outro, suprime o sentido transcendental que outrora orientava a existência, deixando o indivíduo em um mundo fragmentado, em que a religião se restringe ao privado e a realidade é interpretada principalmente pela racionalidade científica. Essa racionalização excessiva gera um vazio existencial, fazendo do progresso moderno uma força simultaneamente libertadora e opressora.

Esse processo está intimamente ligado à ideia de desmagificação, entendida como perda do fascínio da magia sobre o mundo. Segundo Weber (2004), ele nasce de transformações internas ao campo religioso. Os profetas emissários, especialmente no judaísmo antigo, rejeitam práticas mágico-sacramentais como meios de salvação, rompendo com a necessidade de mediações mágicas. “Esse movimento encontra sua conclusão nas seitas protestantes, que levam o desencantamento às últimas consequências, consumando a desvalorização dos sacramentos como meios de salvação” (Weber, 2004, p. 96, 133).

O desencantamento religioso não significa apenas exclusão da magia, mas sua substituição por uma conduta ética rigorosa. A moralização aparece como a outra face do desencantamento: ao abandonar a magia, a religião transfere o valor religioso para o cotidiano, introduzindo uma ordem ética que orienta a ação. O puritano passa a ver o trabalho metódico e racional como expressão de fé. Como sintetiza Pierucci (2003, p. 126), quando a religião se moraliza “para valer”, desencanta o mundo, e quando se desmagifica “até o fim”, resta o ativismo ético-ascético no trabalho. “A verdadeira moralização religiosa supõe a eliminação da magia e a referência a um Deus supramundano e ético, em que a noção de pecado se torna central” (Pierucci, 2003, p. 129).

Com o desencantamento religioso, o trabalho metódico e racional torna-se a principal expressão de fé, e a racionalização da conduta de vida elimina completamente a magia. O valor

da conduta é deslocado para a rotina diária, sobretudo para o trabalho. No entanto, Weber (2004) alerta para o caráter paradoxal dessa racionalização: o que começou como ética orientada pela fé transforma-se, na modernidade, em uma jaula de ferro, na qual o trabalho perde sua ligação com a salvação e se torna um fim em si mesmo. Pierucci (2003) destaca que a eliminação da magia e a moralização do cotidiano não apenas transformaram a prática religiosa, mas também moldaram as estruturas econômicas e sociais modernas, contribuindo para a ascensão de um sistema econômico que aprisiona sujeitos em estruturas racionais desprovidas de sentido transcendente.

CONCLUSÕES

O percurso desenvolvido neste artigo permitiu evidenciar que, ainda que Max Weber não apresente uma “teoria moral” sistematizada nos moldes da filosofia normativa, sua obra oferece um quadro analítico robusto para a compreensão da moralidade na modernidade. Ao articular ética, racionalização, religião e desencantamento do mundo, Weber constrói uma sociologia da ação e dos valores que ilumina, de modo singular, os dilemas éticos próprios de sociedades marcadas pela pluralidade de concepções de bem e pela crescente burocratização da vida social. A distinção entre ética da convicção e ética da responsabilidade mostrou-se central para compreender as tensões entre princípios universalistas, valores subjetivamente assumidos e consequências práticas da ação, em especial no campo político. Ao recusar o otimismo moral de inspiração kantiana e reconhecer o politeísmo de valores como traço constitutivo da modernidade, Weber chama a atenção para a impossibilidade de um fundamento moral último que organize, de forma estável, a vida social. Nesse contexto, a exigência de equilíbrio entre convicção e responsabilidade aparece como uma tarefa permanente, sempre reaberta pelas circunstâncias históricas, e não como um estado já alcançado ou garantido pela razão ou pela história.

A análise dos valores e da ação social reforçou a ideia de que a moralidade, em Weber, não é um mero apêndice normativo, mas atravessa o próprio modo como o autor compreende as motivações subjetivas e a constituição do laço social. A tipologia da ação social – tradicional, afetiva, racional com relação a fins e racional com relação a valores – permitiu mostrar que princípios, normas e valores são constitutivos da vida social, e não apenas elementos reguladores externos. Ao enfatizar a ação racional com relação a valores, Weber aproxima a questão moral do problema do sentido, evidenciando que não se trata apenas de obedecer a normas, mas de

interpretar, justificar e hierarquizar as orientações que dão forma às condutas individuais e coletivas.

A investigação sobre a influência dos valores religiosos na construção social e no espírito do capitalismo evidenciou, por sua vez, a relevância da ética protestante ascética na formação de um ethos orientado ao trabalho disciplinado, à renúncia ao prazer e à acumulação racional de riquezas. Ao mostrar a afinidade eletiva entre determinadas formas de religiosidade e o desenvolvimento do capitalismo moderno, Weber contribui para compreender como valores morais e crenças religiosas podem ser incorporados a estruturas econômicas e institucionais duradouras. Nesse processo, o trabalho passa de meio de salvação a fim em si mesmo, abrindo caminho para a rigidez das estruturas racionais descritas pela metáfora da “jaula de ferro”, nas quais a lógica produtivista se autonomiza em relação a seus fundamentos religiosos originários.

A discussão sobre o desencantamento do mundo permitiu explicitar o caráter paradoxal da racionalização moderna. De um lado, o desencantamento representa um avanço da capacidade humana de explicar o real, libertando a vida social da tutela de forças mágicas e de legitimações sagradas. De outro, produz um esvaziamento de sentido, deslocando a religião para a esfera privada e deixando sem resposta as questões últimas sobre o sentido da existência. A moralização do cotidiano, resultante da eliminação da magia e da afirmação de uma ética rigorosa, acaba por se converter, na modernidade tardia, em engrenagem de sistemas econômicos e institucionais que já não necessitam de fundamentação religiosa, mas preservam e radicalizam sua lógica disciplinar e produtivista. À luz desses elementos, pode-se afirmar que a sociologia weberiana oferece ferramentas analíticas relevantes para pensar os dilemas morais contemporâneos em campos como a política, a educação, a economia e as práticas profissionais. A tensão entre convicção e responsabilidade, o reconhecimento do politeísmo de valores, a centralidade da ação orientada a valores e o diagnóstico do desencantamento do mundo continuam a interpelar debates atuais sobre ética pública, justiça social, formação de sujeitos e construção de sentidos em sociedades complexas.

Ao reunir e sistematizar dimensões dispersas em diferentes obras de Weber e em comentadores, o artigo busca preencher uma lacuna entre leituras que enfatizam apenas o diagnóstico da racionalização ou apenas a ética política, explorando o potencial da sociologia compreensiva weberiana como uma possível sociologia moral.

Este estudo, de caráter teórico-bibliográfico, não pretendeu esgotar a temática, mas contribuir para a sistematização da dimensão moral na obra de Weber, indicando sua fecundidade

para os debates contemporâneos. Investigações futuras poderão aprofundar o diálogo entre a sociologia moral weberiana e teorias do desenvolvimento moral, da justiça e do reconhecimento, bem como explorar empiricamente como os processos de racionalização e desencantamento se expressam em contextos concretos, como instituições educacionais, organizações de trabalho, comunidades religiosas e práticas políticas. Desse modo, a leitura de Weber permanece aberta, convidando à atualização crítica de suas intuições diante dos desafios éticos da modernidade e de suas reconfigurações no século XXI.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

CARVALHO, A. B. Um diálogo entre Weber e Kant sobre educação. **Interações**, v. 6, n. 11, p. 81-89, 2001.

CARVALHO, A. B. **Max Weber: burocracia, carisma e educação**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

KOHLBERG, L. **Ensaio sobre o desenvolvimento moral**. Volume I: a filosofia do desenvolvimento moral. Nova Iorque: Harper & Row, 1981.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003.

PIERUCCI, A. F. **A ética protestante e o espírito do capitalismo – conceitos de Weber**. Entrevista gravada em 2009. Programa complementar à disciplina Sociologia da Educação, curso de Pedagogia Univesp/Unesp, 2009.

ROSELINO, L. F. **Max Weber e a ética kantiana: polêmica sobre os imperativos práticos e seu sentido formal**. Anais do Seminário dos Estudantes da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, v. 9, p. 283-298, 2013.

SCHLUCHTER, W. **Os conceitos sociológicos fundamentais: a fundamentação da sociologia compreensiva de Max Weber**. In: SCHLUCHTER, W. **O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014. p. 193-221.

SILVA, J. **Max Weber como sociólogo da moral: possibilidades analíticas da sociologia compreensiva**. Em Tese, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 457-481, 2021.

VANDENBERGHE, F. **A sociologia como uma filosofia prática e moral (e vice-versa)**. Sociologias, v. 17, n. 39, p. 60-109, 2015.

WEBER, M. **A psicologia social das religiões mundiais**. In: Ensaios de sociologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 309-346.

WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Moraes, 1982.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 2 v.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 2011.